

POLÍTICA E LETRAS: A PÁTRIA E A NAÇÃO EM *ATRAVEZ DO BRASIL*¹

Antonio Edmilson M. Rodrigues.

Tristão de Ataíde num capítulo chamado Política e Letras² assinala a influência que ambas as áreas exerceram sobre a produção das idéias no Brasil desde 1822. Entretanto, ao mesmo tempo alerta para a ruptura ocorrida com a implantação da República por conta da linha militarista e cientificista assumida por esta no mundo intelectual, quando as letras procuraram um caminho próprio e promoveram alterações naquilo que poderia ser a base mais profunda das idéias de pertencimento ao Brasil, por via da pátria e da nação. Esse isolamento, no entanto, produziu dois caminhos importantes. Um o da crítica e outro o da educação. O caminho da crítica consolidou as tradições fundadas por José Veríssimo e Silvio Romero; o da educação propiciou um engajamento de intelectuais no projeto de salvação do Brasil pela instrução primária. Nesse segundo caminho encontram-se Olavo Bilac e Manoel Bomfim.

Encontro, aparentemente, paradoxal o dessas duas personagens da vida intelectual brasileira do fin-de-siècle. O encontro não é inesperado e não produz apenas um livro. Na verdade, *Atravez do Brasil*, editado em 1910, é o terceiro texto publicado da dupla. Antes dele, dois outros livros foram dados a ler: *Livro de Composição*, de 1899 e *Livro de Leitura*, de 1901.

A história da produção da dupla começa no ano de 1899, quando assume a prefeitura do Distrito Federal José Cesário de Faria Alvim, que havia sido ministro do Interior no governo provisório de Deodoro da Fonseca e ex-presidente de Minas Gerais, estado no qual dirigiu o jornal *A Opinião Pública*, na cidade de Ouro Preto, lugar do auto-exílio de Bilac durante o governo de Floriano Peixoto. Em Ouro Preto, Bilac tivera relações cordiais com o agora prefeito do Distrito Federal. O mesmo ocorreu com Manoel Bomfim que pressionado pela conjuntura abandona a profissão de médico e dedica-se à educação, depois de uma temporada de exílio em São Paulo.

¹ Este texto é um dos resultados parciais da pesquisa *A questão do moderno na história da cultura brasileira*, desenvolvida no Departamento de História da PUC-Rio no âmbito do PRONEX.

² In: *À margem da história da República*. RJ: Anuário do Brasil, 1924.

O nome escolhido, pelo prefeito, para diretor da Instrução Pública do Distrito Federal foi o de Manoel Bomfim que, até aquela época, dirigia o Pedagógium, e teve influência decisiva na nomeação de Bilac como Inspetor Escolar.

Entretanto, o processo de nomeação requereu a transferência, inicial, de Bilac para a direção do Pedagógium, que logo depois foi dissolvido. Foi durante esse período, que Bilac e Bomfim organizaram o projeto de produção de livros didáticos para as escolas primárias com o intuito de elevar a consciência cívica dos brasileiros. É bom lembrar que as obras de críticas mais contundentes de Manoel Bomfim já haviam sido escritas e já provocaram as polêmicas principalmente com Sílvio Romero. A América Latina e o Brasil já tinham sido colocados diante da História.³

Os livros, escritos pelos dois, foram logo adotados e fizeram enorme sucesso, junto aos alunos e professores, até porque eram livros do diretor da Instrução Pública e de um Inspetor Escolar.

Humberto de Campos em seu livro *Diário Secreto* alude à nomeação, relatando as informações passadas a ele por Manoel Bomfim:

Sabendo-o depositário de informações preciosas sobre a vida boemia de Bilac, interpelo Manoel Bomfim, aqui e ali, disfarçando o meu interesse, sobre alguns pontos obscuros da biografia do grande poeta.

- Bilac – diz-me – esteve em contato comigo durante longos anos. O lugar de inspetor escolar que ocupou por muito tempo, e que lhe assegurou o pão até a morte, foi obtido por ele, por insistência minha.

- Estava eu como diretor do Pedagógium, quando fui convidado para diretor de Instrução. Nomeado, indiquei Bilac para substituir-me, no Pedagógium. No meu novo cargo, propus a criação de mais alguns de inspetor escolar, e disse ao Bilac que escrevesse ao Cesário Alvim, que era o prefeito, pedindo a sua nomeação. Escrupuloso em tudo, Bilac relutou. Não sabia pedir.⁴

As respostas que Olavo Bilac produziu, no *Momento Literário* de João do Rio, revelam parte daquilo que era a personalidade do poeta. A fina ironia de João do Rio transforma o encontro numa descrição da atmosfera onde vive um intelectual do fim-de-século. A casa de Bilac é denominada um “país de aroma”, de onde se ouve “ao longe o vago anseio do oceano”. O cronista relata os seus temores, por Ter chegado, à casa do poeta às oito horas da manhã. Entretanto, esses estar cedo não se devia a nenhuma incursão boemia, que teria levado o cronista a ir direto ao encontro com Bilac, o poeta é que havia dito que ele só o encontraria em casa muito cedo.

³ O Brasil diante da História e Os males da América Latina.

A disciplina de Bilac, que tomava a produção literária como profissão, fazia-o acordar às cinco da madrugada, escrever até às dez da manhã e depois sair e só voltar depois da meia-noite, porque, segundo João do Rio: ... *o entristece ficar num gabinete sem outro alma, à luz dos bicos de gás.*⁵

A descrição do encontro, assume a forma de um turbilhão de imagens, onde se confundem poesia e realidade: o jeito fin-de-siècle do poeta e a sua elegância aquela hora, “todo vestido de linho branco”, associado ao esquecimento de que João do Rio ia fazer na sua casa, imaginando que o cronista era mais um que ia ver a sua celebre coleção de cartões postais.

Essa personalidade, envolvida com o comum da modernidade, vive numa casa onde:

*As paredes desaparecem cheias de telas assinadas por grandes nomes, caquemonos do Japão, colchas de seda cor d'ouro velho. As janelas deixam ver o céu, a rua e as árvores entre cortinas cor de leite e sanefas de veludo cor de mosto. Do teto pende uma antiga tapeçaria francesa, a um canto um paravento de laca parece guardar mistérios no bric-à-brac do mobiliário – cadeiras de várias épocas, poltronas, estantes de rodízios, guéridons, divãs, dois vastos divãs turcos, largos como alcovas... Ao centro a mesa em que escreve o poeta, muito limpa e quase muito pequena, de canela preta, encimada por um ventilador. Os meus olhos repousam nos bibelots, nas jarras de porcelana cheias de flores frescas; a alma sente uma alegre impressão de confortável.*⁶

E é exatamente diante dos primeiros sons da conversa que Bilac, ao relatar o que fazia, nos fornece dados sobre os livros dedicados à instrução:

*Oh! Não, meu amigo, nem versos, nem crônicas – livros para crianças, apenas isso que é tudo. Se fosse possível, eu me centuplicaria para difundir a instrução, para convencer os governos da necessidade de criar escolas, para demonstrar aos que sabem ler que o mal do Brasil é antes de tudo o mal do analfabeto. Talvez sejam idéias de quem começa a envelhecer, mas eu consagro todo o meu entusiasmo – que é a vida – a este sonho irrealizável.*⁷

A comoção de João do Rio, diante do poeta, é grandiosa:

*Eu ouvia-o embevecido. A originalidade desse homem reside na sua sensibilidade extrema e sorridente, na sua impecabilidade, nessa doçura como que rítmica que harmoniza os seus períodos e o acompanha na vida. Bilac chegou à perfeição – é sagrado.*⁸

⁴ Citado por Raymundo Magalhães Junior. Olavo Bilac e sua época. RJ: Cia Ed. Americana, 1974.

⁵ João do Rio. Momento Literário. RJ: Biblioteca Nacional, 1996, p.10.

⁶ idem, p. 11.

⁷ Idem, pp. 11-12.

⁸ Idem, p.12.

E conclui, *É o poeta da cidade, como Catulo o era de Roma e como Apuleio o era de Cartago.*⁹

A formação intelectual, constantemente aprimorada, liga-se a mania de, todos os dias, ou pela manhã ou à noite, ler Renan e Cervantes, com o objetivo de aprimorar a sua sensibilidade no trato daquilo que é o seu grande projeto de vida - a instrução das crianças: *“Bilac hoje é um apóstolo-socialista pregando a instrução.*¹⁰

Segundo João do Rio, há dois problemas que martelam a consciência do poeta: a instrução das crianças e o “bem dos miseráveis”. E o comentário do cronista é o de que, diante de suas perguntas, observava a mudança de fisionomia do parte, agora amargurada:

*Que queres tu, meu amigo? Nós nunca tivemos propriamente literatura. Temos imitações, cópias, reflexos. Onde o escritor que não recorde outro escritor estrangeiro, onde a escola que seja nossa?*¹¹

Depois de citar Gonçalves Dias e Alberto de Oliveira, como seus poetas preferidos, indica as razões do porquê da inexistência de originalidade em nossa literatura, associando esse fato à idéia de que ainda éramos uma raça em formação, na qual a luta pela hegemonia de diversos elementos étnicos ainda retrata a definição de identidade: *“Não pode haver uma literatura original, sem que a raça esteja formada...”*¹²

Logo a seguir, entretanto, o poeta elogia a nossa produção, dizendo que a peculiaridade está em mesmo não sendo ainda formada, a nossa inteligência revela-se primorosa:

*Ah! A nossa inteligência! É possível atacar, espezinhar, pulverizar de ridículo tudo o que constitui o Brasil, a sua civilização e o esforço dos seus filhos. Esses ataques são em geral feitos por brasileiros. Duas coisas porém ficam acima dos maus conceitos: a beleza da terra e o espírito que a habita, o encanto da natureza e a clara inteligência assimiladora dos homens.*¹³

Essa avaliação se reflete na crítica à cópia do modelo francês e a não produtividade da arte pensada como idealismo. Bilac critica a arte pela arte, dizendo que não há arte que fique à parte da realidade vivida.

E, novamente, retorna a questão da instrução, pensada como solução para os males que afetam o organismo social. Por último, a pergunta polêmica: e o jornalismo? A resposta de Bilac é direta: *“... o jornalismo é um bem, é o único meio do escritor se fazer ler”.*

⁹ ibidem.

¹⁰ Idem, p. 14.

¹¹ Ibidem.

¹² Idem, p. 15.

Atravez do Brasil - o livro

A análise de *Atravez do Brasil* é difícil e exige cuidado. Há, em sua composição, elementos surpreendentes que indicam o refinamento do projeto de instrução e mostram as preocupações, dos autores, com a educação cívica, pensada como enobrecimento da nação através da demonstração da força natural de seu meio, raças e da inteligência daqueles que a habitam.

Ao abirmos o livro, observamos, na primeira capa, alguns elementos indicadores da proposta. No alto, em cima, há uma referência ao modo pelo qual o livro se insere nas normas da instrução pública “Prática de Língua Portuguesa”, mas além disso, no caso do texto que acompanhamos, a indicação sugere uma certa interdisciplinariedade e uma certa direção de estudos. O livro é tomado como um guia que na medida em que é utilizado se desdobra em várias direções, sempre a partir da alfabetização das crianças. Língua Portuguesa significa o mote pelo qual serão introduzidos os outros elementos de formação. O outro aspecto, é que assim pensado ele transforma-se em livro único, que é a forma de renovação metodológica sugerida pelos autores.

O título “*Atravez do Brasil*” é acompanhado, entre parênteses, pela palavra, que o qualifica, “narrativa”, sugerindo a referência ao processo de identificação do livro com viagem ou romance, anunciando um presente mobilizador que crie as condições desenvolvimento do tema central: o Brasil.

Mais abaixo, indicam, os autores, para quem o livro é dirigido: “Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primárias” .

A edição utilizada é a sétima, revista, e publicada em 1921. A parte de apresentação do livro, seus objetivos e modo de tratar os assuntos, está contida na “Advertência e Explicação”, e é dirigida para os professores. No entanto, não se trata apenas de uma descrição de conteúdo, é uma lição sobre o que é a nova metodologia e sobre a orientação de Bilac e Manoel Bomfim no trato da instrução.

¹³ Ibidem.

O ponto inicial é metodológico. Eles explicam o porquê de um livro único para o curso médio das escolas primárias: *...a indicação pedagógica aconselhada hoje; às primeiras classes do ensino primário não deve ser dado outro livro além do livro de leitura.*¹⁴

Os autores acham que o livro escrito por eles atende a essa exigência, entretanto, advertem para o modo de usá-lo. Primeiro, qualificando o texto como “simples narrativa”, a qual se juntam cenários e costumes “mais distintos da vida brasileira”. A advertência prossegue no sentido de realçar que as crianças devem aprender muito mais coisas do que o livro contém. Aqui, a orientação de dois homens vinculados ao ensino oficial, produtores de políticas, dirige-se para os professores, mencionado a necessidade do discernimento no uso do livro para que as crianças possam aprender mais coisas. Indicam, a seguir, que coisas são essas que devem ser aprendidas e como podem ser elas derivadas da narrativa por eles construída. Gramática e a prática da língua, noções de geografia e de história, cálculo, sistema de pesos e medidas, lições das coisas: *...elementos de sciencias physicas e naturaes, e preceitos de hygiene e instrução cívica.*¹⁵

Ainda no campo das advertências metodológicas, há o alerta para a possível consideração do livro único como uma enciclopédia, que retiraria das crianças a condição de aprenderem a desenvolver a sua imaginação. Neste sentido, é perceptível, a condução da educação para a vida pela exposição das crianças ao cenário natural. A presença do naturalismo acentua-se com o decorrer da narrativa:

*Infelizmente, esse erro se tem repetido em diversas produções destinadas ao ensino e constituídas por verdadeiros amontoados didacticos, sem unidade e sem nexos, atravez de cujas páginas insipidas se desorienta e perde a intelligencia da criança: regras de grammatica misturadas com regras de bem viver e regras de arithmética, noções de geographia e apontamentos de zootechnia, descripções botanicas e quadros históricos, formando um todo disparatado, sem plano, sem pensamento direto, que sirvam de hamonia e base geral para a universalidade dos conhecimentos.*¹⁶

Esse raciocínio define a importância da figura do professor bem formado, a necessidade absoluta de planejamento e o elogio do livro apresentado pelos autores. A avaliação, acima citada, indica que Bilac e Bomfim, pela posição que ocupavam, tinham

¹⁴ Olavo Bilac e Manoel Bomfim. *Atravez do Brasil*, 7ª edição. RJ/Paris: Paulo Azevedo e Cia/ Aillaud, Alves Cia, 1921. p.V.

¹⁵ idem, p. VI.

¹⁶ Ibidem.

acesso aos vários manuais que eram utilizados nas escolas e podem, por essa posição privilegiada, construir um livro que leve em conta os erros dos outros. Assim, Através do Brasil seria o livro que continha as orientações oficiais do diretor da Instrução Pública e, por isso, deveria ser o livro único, não por opção metodológica, mas por pressão política. A pressão política destacada, no momento, refere-se ao projeto de instrução dos autores, que consideravam esse procedimento válido para aperfeiçoar a educação brasileira.

E volta a enfatizar o livro único e a capacidade imaginativa do professor:

*Como fonte de conhecimentos, a verdadeira encyclopedia do alumno nas classes elementares é o professor. É ele quem ensina, é ele quem principalmente deve levar a criança a aprender por si mesma, isto é, a pôr em contribuição todas as suas energias e capacidades naturaes, de modo a adquirir os conhecimentos mediante um esforço próprio.*¹⁷

E essa direção metodológica permite, aos autores, resgatarem a qualidade de seu livro no espaço da renovação metodológica, além do seu sentido de instrução cívica:

*...o nosso livro de leitura oferece bastantes motivos, ensejos, oportunidades, conveniencias e assumptos, para que o professor possa dar todas as lições, suggerir todas as noções e desenvolver todos os exercícos escolares, para boa instrução intellectual de seus alumnos do curso medio, de acôrdo com os programas actuaes e com quaesquer outros que se organizem com a moderna orientação pedagógica.*¹⁸

O “Livro de Leitura” é definido como um pré-texto ou pretexto para a ampliação do conhecimento. Ele deve configurar uma narrativa que contenha todas as imagens necessárias para a discussão a pretexto de qualquer tema. Por isso, a seguir, eles dão vários exemplos de como o livro pode ser usado. A exemplificação, entretanto, se faz ainda com a preocupação de delinear o valor do livro e, novamente, é introduzido um novo princípio, que pode ajudar o mal-entendido resultante da idéia que o livro de leitura não deve ensinar:

*Convem notar, porém, e lealmente o declaramos se este livro de leitura fosse apenas o desenvolvimento de uma narrativa, offerencendo motivos para diferentes lições do programma, elle não chegaria a ser um bom livro de classe. Além de servir de oportunidade para que o professor possa realizar as suas lições, o livro de leitura deve conter em si mesmo uma grande lição.*¹⁹

Que grande lição é essa?:

Estamos certos que a criança, com a sua simples leitura, já lucrará alguma cousa: aprenderá a conhecer um pouco o Brasil, terá uma visão, a um tempo geral e concreta, da vida brasileira, - as suas

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Idem, pp. VI-VII

¹⁹ Idem, p. VII.

*gentes, os seus costumes, as suas paisagens, os seus aspectos distintivos. E, por isso, escolhemos como cenário principal as terras do São Francisco, - grande rio essencialmente, unicamente brasileiro.*²⁰

Aqui ficam claros os objetivos. O livro deve despertar o civismo, o amor à pátria, não como referência piegas, mas pela ação, pelo conhecimento, pela intervenção do homem. O conhecimento do que é o Brasil apresenta-se como o lugar de síntese de todo o conhecimento possível, envolve o reconhecimento de sua primazia como lugar, de sua energia e força, iguais a de qualquer outra terra.

O Brasil aparece como em Sílvio Romero e Affonso Celso, como um lugar do Paraíso, onde tudo se encontra e de onde tudo pode sair para se realizar. O Brasil é um pretexto para configurar a nação e a identidade nacional se for bem interpretado.

Outro aspecto interessante é o aparecimento recorrente do Rio São Francisco como o rio da unidade, como já aparecia em Sílvio Romero e Affonso Celso, agora em Bilac e Bomfim como a qualificação de o único rio verdadeiramente brasileiro.

Mas a preocupação dos autores não se esgota aí. A seguir, associam a esse primeiro auto-elogio, um segundo, tão importante quanto o primeiro para reforçar a grande lição:

*E também quizemos que este livro seja uma grande lição de energia, em grandes lances de affecto. Suscitar a coragem, harmonizar os esforços e cultivar a bondade, - eis a formula da educação humana.*²¹

A grande lição deve atingir os sentimentos, deve fazer florescer a sensibilidade para que as virtudes humanas sejam realçadas no contato com o meio. A lição da vida é maior quando as dificuldades são grandes e é preciso delas tirar lições, que transformam-se em valores de retidão e moldam a alma dos brasileiros. O reconhecimento do que é o Brasil faz do livro o manual, por excelência, do nacionalismo cívico. Lembremo-nos que isto marcará tão fortemente Bilac e Bomfim que cada um deles a seu modo, acabaram por ter ações de radicalização da postura nacional de defesa do Brasil. Bilac pela campanha cívica do soldado-cidadão, que acabara na defesa do serviço militar obrigatório, e Bomfim pelas denúncias das malezas governamentais que não deixam o Brasil despertar.

Esse aspecto dos sentimentos e dos afetos é novamente um pré-texto para indicar o conteúdo do livro e serve para os autores darem a grande lição na própria explicação do conteúdo do livro. Em primeiro lugar, chamando atenção para a idéia de que a narrativa é a própria condição de acesso à realidade. Esse mergulho necessário na realidade brasileira

²⁰ Ibidem.

²¹ Idem, p. VIII.

vem pela via da constatação de que a vida é ação, movimento e drama com o intuito de, usando o tom dramático, “despertar o interesse do aluno e conquistar-lhe o coração”.²²

E concluem, acentuando o modo de desenvolvimento do livro:

*Preferimos destinar os primeiros capítulos do livro ao desenvolvimento dramático, deixando mais para o fim a sucessão dos cenários; sendo sempre a narração mais captivante para o espírito infantil, a atenção da criança começa desde logo a prender-se à leitura, e passa depois a aceitar facilmente as descrições, e a segui-las com interesse; ao passo que, se começassemos amontoando descrições, cansariam inutilmente o animo do pequeno leitor.*²³

Na verdade, essa estratégia é tão bem concretizada que a leitura conquista não apenas as crianças, mas todos aqueles que se dedicam a ela.

Em continuidade, há outra indicação importante. Para dar mais realidade ao que se vai ler, os autores expõem a razão de não usarem ilustrações, só fotografias. Para Bilac e Bomfim, a visualização de cenas reais aproxima mais os leitores da realidade, transforma uma narrativa ficcional em possibilidade de ser como verdade, como eventos reais, qualificando também a força da terra em apresentar-se, desse modo, à imaginação: *...se ha nestas paginas alguma fantasia, ella serve unicamente para harmonizar numa visão geral aspectos reaes da vida brasileira.*²⁴

A ficção imita a realidade e realça, pelas imagens super-dimensionadas, os problemas vividos no cotidiano.

A continuação é a demonstração de que qualquer lição pode ser dada a partir do texto, seja ela de geografia, gramática, física e etc. Há algo que nos interessa, e por isso, nos detivemos nela. É a exemplificação do uso do livro para a instrução moral, que é a grande lição do livro. A diretriz indicada é que as crianças devem começar pela observação de sua situação no seio da família - os laços de afeto e os deveres que ligam as pessoas. O professor deve estudar com as crianças as situações de família, em particular da narrativa, e generalizar para a família em geral; deverá mostrar os dois sentidos da palavra - a reunião de pessoas numa casa e o conjunto de parentes -; estudará os deveres de cada um e os sentimentos.

A outra lição necessária é a da história. E o sistema é o seguinte:

1. explicar de um modo sensível as condições do Brazil antes da colonização;

²² Ibidem.

²³ Ibidem.

2. *aproveitando a referência aos índios, associá-los aos negros e brancos;*
3. *mostrar as diferenças entre o estado selvagem e as indústrias modernas.*

A lição de geografia:

1. *terras e mares;*
2. *costa e litoral.*

A pergunta “Qual é a vantagem?” é dos próprios autores:

É que todo o ensino fica assim harmonizado, como irradiação ou desenvolvimento de um só leitura; e essa leitura é bastante, a todo momento, para evocar conhecimentos adquiridos, quando d’essa forma se assimilam muito mais fácil e naturalmente.²⁵

Por fim, há uma outra entrada interessante, que se refere, mais uma vez, a função do professor, quando ao cuidado destes de dar atenção as expectativas das crianças. O professor deve estar tão sintonizado com as crianças que tem a obrigação de conhecê-los pessoalmente.

No final do livro, os autores anexaram um pequeno léxico, com o significado de determinados vocábulos encontrados na narrativa e relativizam a sua importância, por conta da competência dos professores, mas a razão é a de que os alunos poderiam ler o livro fora da sala de classe e o léxico os ajudaria a entenderem a trama. O léxico, por si só, merecia um capítulo a parte, não só pelas curiosidades, como a definição de apartamento apenas como separação, bandeira só como expedição armada para explorar os sertões, mas também pela definição de cívico como relativo a cidadão, patriótico.

Diante do que foi apresentado, podemos assumir duas atitudes. Ou achar que o livro é um manual ingênuo de civismo ou que é um grande livro. A caminhada pelo livro revela-o como grande. É uma obra densa e brilhante no clima da narrativa, fascina pela trama e mantém os leitores presos ao texto, e não apenas aqueles do início do século, mas nós de hoje.

É bem provável que isso ocorra como resultado da superação de expectativas que o livro havia produzido. Entretanto, é óbvio que a arquitetura de situações é, em larga medida, a responsável pelo encantamento. A cadência e o ritmo da narrativa pedagógica dificulta a busca de uma entrada para a apresentação do livro e para a sua discussão no que

²⁴ Ibidem.

²⁵ Idem, p. IX.

concerne a nação e ao moderno, embora a descrição das situações que envolveram o livro e sua produção, por si só, já sejam uma evidência do caráter renovador e moderno do livro.

O tom de drama começa pelo título do primeiro capítulo: “Má notícia”. E prossegue por todo o capítulo, reforçando situações de tensão e mostrando como a história é marcada por “casos tristes”. As personagens principais são dois irmãos - Carlos e Alfredo, de quinze e dez anos, respectivamente - que moram na cidade de Recife e perderam a mãe, morta a dois anos. As primeiras situações tristes são se avolumando. Em função da tragédia, e dos afazeres do pai - engenheiro de estradas de ferro, um indicador de progresso -, são obrigados a estudarem num internato da cidade.

Desde o início, a história se movimenta nesse clima de tristeza e tensão. Os dois meninos estão, num domingo, para sair quando recebem a notícia de que há um telegrama a sua espera. Só a associação do telegrama a notícia má, já cria, nas crianças uma tensão que se confirma quando o telegrama noticia a doença, “sem gravidade” do pai, o único parente direto que é referência de autoridade, proteção, futuro e identidade familiar. A má notícia é mais alarmante porque quando o pai se despediu das crianças reforçou ou antecipou o que iria acontecer, chamando a atenção de Carlos e Alfredo para a necessidade de ambos serem sempre amigos e unidos “tendo um só coração e uma só vontade”²⁶

No momento da despedida, há a segunda localização espacial, definida como marcante na tragédia: eles não tinham parentes em Recife, todos os parentes deles moravam, muito longe, no Rio Grande do Sul, no outro extremo do Brasil. Recife e Rio Grande do Sul são indícios da viagem. Entretanto, desde logo, a expectativa é de como os autores nos apresentarão o Brasil.

A tragédia continua. A má notícia chega numa manhã de domingo, quando as crianças estão para sair num passeio. Mais grave, ela vem através de um telegrama, na época a forma mais rápida de dar notícias, o que já preocupa sem que a leitura do seu conteúdo tenha sido feita. Telegrama é sinônimo de má notícia e os meninos já sabem o que vai ser lido:

Os dois meninos, porém, num sobresalto, imaginaram logo uma desgraça. O pae estava tão longe, num lugar quasi deserto, num sertão bruto, onde ainda havia, talvez, índios ferozes, - e estava entre

²⁶ Idem, p. 14.

*estranhos, sem um amigo!... Que moléstia seria a sua? e se o seu estado se agravasse, - se elle morresse, assim, sózinho, abandonado, sem ter o consolo de poder dar a última benção aos folhos?*²⁷

“Índios ferozes”, “sertão bruto”, “entre estranhos”, “sem amigos” são marcas de reforço da tragédia e fazem com que as crianças desconfiem do “sem gravidade” anotado no telegrama. Toda a atmosfera e cenário que possibilita a incursão dos professores pelo afeto e sentimentos da família se concretiza.

O desespero da dúvida, o medo de perder o pai leva o filho mais velho - Carlos - a decidir o que fazer, assumindo a chefia do resto da família e num repente deixando a sua identidade de crianças e projetando a maturidade de um adulto responsável por uma outra criança. Toma a decisão de ir para junto do pai sem perder tempo e sem comunicar ao diretor do colégio, a única pessoa que ainda se constitui como referência e começa a organizar a viagem. Tem algum dinheiro que o pai deixou e pensa em vender o seu relógio, presente do pai e símbolo do seu desenvolvimento, com o intuito de pagar a viagem.

A surpresa corre por conta da atitude do irmão menor, preocupante, que pode para também ir e o argumento é a união entre os dois e mais dinheiro, pois Alfredo também venderia seu relógio. A tragédia atravessa, de novo, o horizonte se contrapondo a alegria fugaz de estarem indo juntos para perto do pai: a viagem é penosa, “um dia em caminho de ferro, e ainda muitas léguas a cavallo”.²⁸

As situações desconfortáveis vão se tornando recorrentes. O trem só saí no dia seguinte: “ às seis horas e meia da manhã”.²⁹ Não podiam gastar nada e nem voltar ao colégio porque seriam impedidos de viajar pelo diretor. Resolvem ficar acordados. A única situação positiva foi a de jantarem, para se alimentarem bem, na casa de uma família conhecida. Depois do jantar saíram andando pelas ruas e cansados de andar e de pensar no pai, resolveram abreviar o sofrimento indo para a estação e tentaram deter o sono até a madrugada.

O agravante da cena é que como tinham vendido os relógios não sabiam da hora e tinham pavor de perder o trem. Mais uma vez, aparece no livro a oportunidade de encaixe

²⁷ Idem, p. 15.

²⁸ Idem, p. 16.

²⁹ Ibidem.

de um tema: como se orientar sem relógios? Os meninos olham para o céu “ para ver a altura do Cruzeiro do Sul, ou para verificar se a estrella d’Alva já apparecia”³⁰

Finalmente estão no trem e a viagem começa. A segurança de terem iniciado a se movimentar em direção ao pai vai equilibrando o drama e as situações seguintes alteram o ritmo do livro. Se até agora a história só revela dificuldades, a entrada no trem e o início da viagem associam-se a felicidade. O dia de setembro estava lindo e a manhã radiante e fresca o que é um pré-texto para que a paisagem natural, como cenário, seja incorporada a narrativa e passe a determinar os humores: *Alfredo, que ia junto à janella, (...), já um pouco esquecido do desgosto que o opprimia, a interessar-se por aquelle espectáculo que nunca vira.*³¹.

O nascer do sol, as árvores orvalhadas, os campos imensos são expressões do novo, do que anuncia um novo tempo, preso a pungança da terra. É a geografia que começa a se apresentar. É o mar que fica para trás e as serras que chegam, anunciando as mudanças na paisagem. A alegria não podia demorar muito e o ritmo da narrativa precisa atender a outras áreas do conhecimento e eis que, de repente, a combustão do trem solta uma fagulha que atinge o olho de Alfredo.

O desespero do menino faz com que ele corra, de olhos fechados, em direção ao irmão. No caminho ele tropeça na bagagem de um outro passageiro que dormia, que além de assustado, ficou irritado com o menino e não adiantaram as desculpas e explicações, a raiva do homem levou-o a querer bater nos meninos. A lição da solidariedade humana se fez presente e os outros passageiros vieram em favor de Carlos e Alfredo. A explicação da causa da ardência no olho serviria para o professor falar da máquina a vapor e dos combustíveis e a situação consequente para reafirmar os valores morais dos homens.

O movimento das estações, de passageiros e de carga, chamavam a atenção das crianças. Finalmente, ao meio dia - cinco horas e meio depois - o trem chega a Palmares, onde as crianças trocaram de trem. A diferença é que o novo trem seguia o leito de um rio e a narrativa explora o ambiente natural, através da análise das variações da largura do rio, de sua altura e da coloração de suas águas. A paisagem, o meio, a natureza são o mote para tudo. A parada do trem junto as ruínas de uma casa enche a história dos engenhos de

³⁰ Idem, p. 17.

³¹ Idem, p. 18.

açúcar, a passagem por um túnel, que assusta o irmão menor, se presta a indicação do progresso.

Entretanto, a passagem pelo túnel também serve para que a narrativa repouse sobre o perfil dos homens. Lembremo-nos que a primeira referência passava pela união e solidariedade vencendo a individualidade de alguém que só pensava em si mesmo. Agora, as crianças descobrem um novo aspecto do caráter do brasileiro através de uma “pobre preta africana” que passava mal, com falta de ar no trem. Depois da ajuda dada pelos meninos, a preta velha agradece compartilhando com eles um punhado de amendoim torrado. O encontro dá origem aos primeiros diálogos na viagem e faz-nos descobrir o destino da viagem: Garanhuns.

A preta-velha, por coincidência, é de Garanhuns e passa a funcionar como informante para as perguntas dos meninos, principalmente, sobre engenheiros e estradas de ferro. A conserva reintroduz os pesares: distância e falta de dinheiro. A velha, entretanto, falava sem parar, contando histórias dos lugares e das gentes. Mas as dificuldades limitavam a audição do irmão mais velho, preocupado com o destino do irmão. Sentia-se responsável por ele e temia que não pudesse cumprir as suas obrigações de chefe da família.

As seis e meia, doze horas depois da saída de Recife, chegam a Garanhuns. A cidade estranha os paralisa, chegaram numa hora em que todos já se haviam recolhido. Carlos procurava alguém que pudesse informá-lo sobre o local do escritório da Estrada de Ferro Aguas-Bellas. Sabemos, agora, que o pai trabalhava na Estrada de Ferro Aguas-Bellas. Ao saberem do local, começam a fazer planos: comeriam, dormiriam confortavelmente. Mas as dificuldades avolumam-se: a porta do escritório estava fechada. Ficam, então, sabendo que alí é apenas o escritório, ninguém dorme ali, e recebem a informação de onde mora o engenheiro-chefe. Nova decepção; o engenheiro tinha viajado.

Sózinhos, sem dinheiro e com fome se resignaram ao seu destino e começam a andar a esmo pela cidade. No final de uma rua vêem um “casebre humilde, fechado, com uma larga cobertura baixa, de sapê”³². A descrição da casa envolve o relato dos métodos de construção das casas do interior, realçando a sua limpeza. Tão cansados estão e adormecem junto à casa. As dificuldades aparentemente derrotaram os heróis meninos, mas a sorte muda, e aquilo que é feito como ajuda, volta também na forma de ajuda. O casebre onde

³² Idem, p. 28.

descansam é a casa da preta-velha que eles haviam ajudado no trem, que lhes dá tudo que eles precisam para recuperar o entusiasmo e a alegria.

De volta ao escritório da estrada, confirmam a mudança de sua sorte. Primeiro, receberam as informações sobre a doença do pai e o lugar onde ele se encontrava - Bela Vista - às margens do rio São Francisco, quarenta léguas acima do fim da Estrada de Ferro de Piranhas. Em segundo lugar, o escritório forneceu-lhes tudo que precisavam para continuar a viagem, agora em direção ao estado de Alagoas, na direção do estado da Bahia. Os autores aproveitam para fazer uma pausa para contar a história de Salvador, onde entrar Caramuru e os índios e, com esse mote, contaram a história do descobrimento do Brasil e do início da colonização, indo de Salvador até São Paulo, acompanhado de um relato exaustivo da “vida selvagem”, hábitos, valores, localização e tudo que envolve a cultura indígena.

Agora, a viagem também se modifica na forma, não é mais o trem, é o cavalo, mais independente e com mais alternativas de conhecimento das coisas. São descritos os hábitos do sertanejo e as formas de morar e da economia do sertão. Solidariedade e comunitarismo são os traços do interior e são realçados pela cultura popular. Em quatro horas chegam a Piranhas - cidade menor, mas que mantinha a hospitalidade de Garanhuns-. O tempo de permanência em Piranhas aproxima as crianças do seu guia e essa aproximação permite que se introduza o elogio do rio São Francisco e sua caracterização como “imenso” e que “atravessa dois estados do Brazil, servindo de divisa entre trez”.³³

Avistam de Piranhas, o estado de Sergipe e essa situação faz com que eles se dêem conta do que andaram: *Vimos de Pernambuco, e entramos em Alagoas*³⁴.

Novamente, as crianças estão no trem. A paisagem é diferente daquela que começaram a ver no início da viagem. A oportunidade da retomada da viagem presta-se para a inclusão de novas referências do que é o homem brasileiro e onde ele deve se modificar. No trem, encontram um brasileiro como eles, que os surpreende porque advinha que eles nunca tinham viajado antes e tanto, e lhes diz: - *Viajar é sempre util. Em geral. os brasileiros são sedentarios, e não conhecem o seu paiz. Eu viajo ha quase dez annos, e ainda não estou farto.*³⁵

³³ Idem, p. 53.

³⁴ Idem, p. 54.

³⁵ Idem, p. 56.

Esse é o pré-texto para que a narrativa repouse sobre as belezas vistas nas viagens. Cachoeira de Paulo Afonso e novamente a grandiosidade do rio São Francisco. A chegada a Boa Vista é a possibilidade de ver o pai. Mas a sorte, de novo, os deixa. Ficam sabendo que o pai havia piorado e que tinha seguida para Petrolina a dez dias.

Nova viagem, agora num outro tipo de transporte - o vapor -. Depois de mais de um dia de viagem chegam a Juazeiro, que é também o porto de Petrolina. Quando estavam quase chegando, uma nova coincidência, os abala. A informação de uma canoa, que passa pelo vapor, indica que o engenheiro doente havia morrido e foi enterrado em Juazeiro. A tristeza é enorme. Só restava, a eles, visitarem o túmulo do pai. Agora, não tinha jeito, estavam sózinhos definitivamente. Lembraram-se que tinham parentes no Rio Grande do Sul e comunica-lhes a morte do pai, pedindo auxílio:

Havia dois partidos a escolher: ou voltar para o Recife, ou descer para a capital da Bahia. Nas duas cidades encontrariam amigos do pai que os ajudariam a chegar ao Rio Grande do Sul. Entretanto, ir para o Recife era difícil pela distância e o custo da viagem. Para a Bahia era mais perto. Como não tinham dinheiro, teriam que andar a pé até Vila Nova da Rainha e de lá até a Bahia..³⁶

Entraram estrada a dentro, dois quilômetros a frente, Alfredo, o menor, já não conseguia se mover e o lugar era “deserto e seco” . O desespero apodera-se deles porque , diferente de outras situações estavam sózinhos, sem ninguém e sem nada. Pela primeira vez, a idéia de morte se anuncia. A providência, no entanto, lhes auxilia. Encontram, também andando pelo sertão, um rapaz alegre e animado, conhecedor do sertão, e que pode ajudá-los. Junto com Juvêncio, Alfredo e Carlos, conhecem a vida do sertão em todas as suas nuances e aprendem a sobreviver e viver. O contato com a terra do interior os fortalece e sem o pai vivo o que resta é amadurecer.

Com Juvêncio começam a experimentar uma nova sensação de vida, esquecem a tristeza e as dificuldades e se lançam no conhecimento de uma nova vida, que lhes permita, ao fim e ao cabo, terem as primeiras experiências de trabalho como vaqueiros e ferreiros. Cada vez se identificam mais com Juvêncio, até a história dele é parecida com a deles. Tudo aquilo que até então eram dificuldades, transformam-se em referências para serem superadas.

O chão já não é tão duro para dormir. A mata já não é tão impenetrável. E vão. as antes crianças, incorporando experiências e viajando pelo Brasil, conhecendo-o. A

sabedoria popular e o seu uso honesto são enfatizados, da mesma forma, que a medicina popular e o modo simples de resolver as situações do cotidiano, inclusive das primeiras experiências amorosas.

Chegam a Bahia e lá encontram o comerciante Ignácio Mendes, amigo de seu pai e que dispõe de meios para fazê-los chegar ao Rio Grande Do Sul. Contam a ele a sua história, que é qualificada pelo comerciante, como romance e voltam a ter contato com a civilização do litoral. A presença em Salvador é um pré-texto para a volta da história da Bahia, realçando-se a cultura e a organização política.

A resposta ao contato com os parentes faz com que eles embarquem para o sul. Esse é o modo de conhecer o sudeste e o sul. Da Bahia vão, pelo mar, conhecendo as jangadas e os tipos do litoral, até Vitória e de lá ao Rio de Janeiro. Neste ponto, a narrativa torna-se positiva. A experiência de contato com as dificuldades havia feito das crianças, almas fortes, indicadas para a ação e responsabilidades. No fundo, eles representavam a união do litoral e do sertão e eram os representantes da nova raça histórica brasileira pela miscigenação cultural, forjada no conhecimento da força da natureza do homem e da terra.

Além disso, a passagem pelo Rio de Janeiro torna possível narrar a história de uma capital, cidade-metrópole. São três capítulos onde se fala da natureza, da cultura e da história, incluindo-se a reforma urbana de Pereira Passos, os bondes, as fábricas e a multidão nas ruas. Há um quarto capítulo sobre o Rio de Janeiro, dedicado a Avenida Central como ícone do moderno e a rua do Ouvidor. Nesta rua, os autores constroem uma situação peculiar para mostrar a grandeza da cidade, através da multidão. Alfredo, que nunca havia se perdido na imensidão do Brasil, some na rua do Ouvidor.

A viagem segue para São Paulo de trem, onde o enfoque do progresso material e econômico é acentuado. No caminho para São Paulo, os autores, descobrem o modo de introduzir uma nova região do Brasil. O conhecimento de Minas Gerais vem a propósito da curiosidade sobre a malha ferroviária naquilo que na época era conhecida como “linha do centro”, que era o ramal ferroviário que ia de Barra do Piraí, em direção ao Vale do Paraíba, de lá até Juiz de Fora e daí até Belo Horizonte e ampliando-se na direção centro-oeste, no caminho do Paraguai. O ouro e os diamantes retomam a história do Brasil na sua

³⁶ Idem, p. 67.

especificidade mineira. Mato Grosso e Goiás também merecem menção para completar a saga brasileira.

A chegada a São Paulo também se presta a narração do café, preparo e importância econômica. São Paulo, cidade, deslumbra as crianças. Repetem-se as cenas vivadas no Rio de Janeiro: luzes elétricas, multidões nas ruas, cafés e confeitarias, música e cerveja. Como para o Rio de Janeiro, São Paulo também tem um capítulo específico sobre a sua marca, o “progresso paulista”.

O trem novamente liga-os a sua história anterior. Só que antes a tristeza servia de direção, agora a esperança de encontrar os parentes abre os olhos de Carlos e Alfredo, que passam a se interessar por tudo que vêem e ouvem, juntando às suas experiências e moldando mais um pedaço do caráter nacional brasileiro. O Paraná e o extrativismo, Santa Catarina e a história das lutas dos imigrantes são vistas do navio. O trem de São Paulo deixou-os em Santos, de onde continuaram a viagem.

Estão chegando ao seu destino, o outro extremo do Brasil, e percorreram quase toda a extensão do país, aprenderam como seus contrastes, podem transformar-se em elementos positivos, como na hora da dificuldade a solidariedade age com presteza. Entretanto, uma parte do Brasil ficou de fora e, agora, muito longe de onde eles se encontram. Bilac e Bomfim ou se rendem a evidência e dão uma solução mágica. A solução é brilhante.

O capítulo 74, já no final do livro, tem como título “Um velho Amigo” e retoma a história de um herói agregado, que pela sua inteligência e conhecimento do interior, havia feito chegar as crianças sãs e salvas ao estado da Bahia. Sua história é o pré-texto da inclusão da região do Norte do país. Ao se separar do meninos, na Bahia, Juvêncio embarca para Manaus e, no mesmo momento, em que as crianças faziam o trajeto sul, ele tomava rumo ao Norte e relata sua viagem por Alagoas, passando por Sergipe, observando Aracaju e Macéio; passa por Pernambuco, sua terra natal, e relata a vida de Recife. Ceará e Maranhão são citados como futuros portos importantes,. Os estados do Piauí e Paraíba também são mencionados como áreas de futuro. O Piauí merece um elogio:

*Ha bastante lavoura, e bastante industria pastoril. A gente é ordeira, e forte, temperante e capaz de rude labuta e duras provações - como em geral, toda a gente do Norte. A capital, Therezina, é nova: foi fundada ha pouco mais de cincoenta annos.*³⁷

³⁷ Idem, p. 298.

À Amazônia são dedicados dois capítulos, tendo como narrador Juvêncio. São Luís do Maranhão é um pré-texto para volta à história e a epopéia de lutas contra os franceses e holandeses. Belém é o início da narrativa de um outro mundo no Brasil. A ênfase no rio Amazonas é base da qualificação da imensidão. A borracha, o seringal e o seringueiro são os modos de operar as características da região. A pororoca merece um capítulo a parte, assim como o rio Amazonas, onde a história de Manaus e Belém são destacadas e daí se prolonga até o Acre e os demais territórios brasileiros.

Só faltava o Rio Grande do Sul. Ao Rio Grande do Sul é reservada a última parte da viagem. Através do encontro com os tios, voltam à cena os nossos heróis, moldados pelas experiências; a visão do porto e a expectativa de ver a nova família mexem com o animo das crianças e o encontro com os tios é um misto de alívio e de recordações. Entretanto, a grande surpresa está por vir. Ao ver Carlos e Alfredo chorarem, os tios perguntam-lhes por que choram?

Carlos, o mais velho, fica indignado e espantado com a atitude dos parentes, pois nem mesmo de luto estão. E a continuidade do diálogo abre uma nova linha de eventos. Os tios, vendo a indignação dos meninos, se apressam em dizer o porquê. E levanta uma questão que havia passado despercebida pelos meninos: eles não haviam visto o pai morto, a notícia não lhes foi dada diretamente. O diálogo colocava-os numa situação inusitada. Todo o sofrimento voltava e pesava com uma forma de confirmar a morte, mas a lógica se desfazia quando procuravam ver a realidade.

Aos poucos, a conversa começa a animá-los, pois vão entrando em cena os saberes adquiridos com a experiência de Brasil:

*Quando suspeitamos a existência de uma desgraça, não podemos ter a segurança da sua impossibilidade, mas também não devemos perder toda a esperança.*³⁸

Ao final, o novo animo faz com que p tio os convide a conhecer o sul, começando pela estância da família. Ao lado da cena natural, são enfatizadas as contribuições alemãs. Na estância voltam ao assunto da morte do pai. E fica resolvido que os tios manterão contato com os representantes da Estrada de Ferro de Aguas Bellas para ter informações concretas sobre o pai, enquanto isso, o melhor é conhecer a estância e os seus tipos sociais e hábitos culturais. O “gaúcho” merece um capítulo particular.

³⁸ Idem, p. 315.

O último capítulo “Tudo se Explica (epílogo)” é o final da história, surpreendente, espantoso e confirmador da força do homem brasileiro, de sua tenacidade, e a qualidade do meio, que permite afirmar que o Brasil tem futuro e que o livro é muito mais ufanista do que o livro de Affonso Celso, de um ufanismo distinto, que envolve a luta, a experiência e o aprendizado: *Effetivamente, o engenheiro Menezes não morrerá.*³⁹

Além dos heróis se encontrarem com o pai o melhor da história é que também reencontram o velho amigo para nunca mais se separarem dele, pois o pai na busca dos filhos encontra Juvêncio doente e resolve trazê-lo para o sul.

Várias interpretações poderiam ser feitas em torno da história de Bilac e Bomfim e muitas delas serão futuramente testadas. No âmbito deste texto-relatório importa acentuar a forma de construção do Brasil-nação. A composição narrativa apresenta o Brasil como construção de seus filhos e como representação da vitória da civilização e do progresso.

Conclusão:

Antonio Candido⁴⁰ que nossa vida intelectual sempre foi resultante da dialética entre localismo e cosmopolitismo, manifestada de forma diversa, dependendo das características assumidas pelas respostas necessárias. O livro de Bilac e Bomfim estrutura-se como resposta ao possível equilíbrio entre o local e o universal, abrindo caminho para a busca de elementos que particularizem a nação brasileira, sem deixar de comprometê-la com a ordem mais geral da história, na linha da reflexão seguida por Manoel Bomfim em seus livros sobre o Brasil e a América Latina e na contramão de Sílvio Romero, ao alterar o argumento do meio e da razão.

Natureza e cultura entrelaçam-se em *Através do Brasil* na tentativa dos autores de produzirem uma teoria do equilíbrio entre o naturalismo e o realismo que liberte as análises do homem brasileiro daquilo que era a sua dependência racista. Trata-se de outra dependência aquela que associa-os a nação através do patriotismo, sentido como sentimento íntimo, no qual a natureza não pode sózinha definir a nação e onde o homem adquire a

³⁹ Idem, p. 324.

⁴⁰ Antonio Candido. *Literatura e sociedade*, 8ª edição. SP: Publifolha, 2000.

condição de interprete e narrador da história, singularizando-a de forma dupla: através da natureza e da cultura, com combinações diversas e diversificadas.

É preciso entender isso para compreender a maravilha da diversidade brasileira. Entretanto, essa diversidade desdobra-se na constituição de aspectos comuns: a vontade de crescer, a atenção do olhar produtivo sobre a natureza, a prioridade do social, a criatividade diante dos obstáculos, a amizade sem compromisso, a alegria de viver.

Cada um a seu modo, os homens diferentes constroem a mesma nação.